



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



## A Verdadeira Felicidade

POR TAUZINHA, Desenhos de CASTAÑE

**N**ITA e José estavam noivos. Amaram-se quando a charrua sulcava a terra para que desse o pão... Eram felizes, caminhando pelos prados, de mãos dadas, quando voltavam ao povoado. Levava-a à choupana e, nas tardes cálidas de verão, enquanto a velha avó fiava na roca, eles fiavam projectos risonhos, formavam um futuro delicioso...

Nita idealizava uma vida simples; ele ouvia-a, e, contemplando-a, pensava: — «Como são lindos os seus olhos, côr do céu! A minha noiva é bela! Só ambicionava ser rico, imensamente rico,



para ter ouro, pérolas, jóias que lhe pudesse dar! A terra mãe dá alegria, saúde, o pão que há-de sustentar a minha Nita, mas não me dá o ouro para a poder enfeitar!».

A fada dos desejos apareceu, então, e disse: — «Ouvi os teus lamentos, sou a fada dos Desejos; — Tu, pobre trabalhador, tornar-te-hás num burguês rico! Comprarás uma prenda de noivado, digna de noiva tão bela, e o véu que a cobrirá será tecido dos raios do luar...

José, já era rico.  
A cabana tornára-se

(Continua na pag. 5)

# A RAPOZINHA

POR GRACIETTE BRANCO  
DESENHOS DE OFELIA MARQUES



MBALSAMAVA-SE o ar dos tédidos perfumes das roseiras; o Sol refloria em magnólias de luz; o vô das aves espiritualisava a paisagem e o pobre rei céguinho, na sua varanda de lilazes, erguia ao Céu o rosto macerado, na ância duma claridade bem-dita, que viesse iluminar a sua triste cegueira!

O rei céguinho tinha Céu azul em sua Alma e adivinhava o Céu azul que ia lá fora. Porém, os seus olhos só colhiam negrume, na tristeza das pálpebras cerradas.

Elevavam-se preces nas ermidas do Reino e o povo chorava a cegueira do Rei! Já de cem léguas em volta, haviam chegado os mais afamados sábios mas todos haviam retirado, impotentes contra a cegueira que se manifestara eterna!

E o rei, na sua varanda de lilazes, céguinho e



triste, ia secando, murchando, morrendo, sem um vislumbre de luz!

Em seu redor, os três filhinhos, carinhosos e dóceis, erguiam fervorosamente as mãos, na continuação das orações sem fim!

E o velhinho gemia:

— Filhinhos! Não vos canceis! Deus não quer ouvir-nos! Não mais o vosso Pai verá o Sol nem vos verá a vós,—meus sóis também!

E os três princezinhos descaíam os rostos e



pendiam as mãozinhas, como os lilazes da varanda ao pôr do Sol!

Mas eis que, numa tarde de luz, entre nuvens de poeira, surgiu, numa curva da estrada, um jovem cavaleiro reluzente e altivo, que a todo o galope atravessou o Reino, gritando por uma tuba de ouro, em voz de Sol e vitória:

— Ide à fonte sagrada do gigante Isaúl, numa aldeia do Norte! Parti hoje mesmo! O vosso rei terá vista!

Logo em volta do palácio real, a multidão se aglomerou indo beijar os pés do rei, em esfusiante alegria!



Embandeiraram-se os parques, refloriram as roseiras e o coração do rei iluminou-se de esperanças!

E mai a tarde desceu, embrulhando a Terra no seu manto escuro, uma massa de povo entrou pelo real palácio, anunciando a imediata partida, em busca da fonte sagrada, do gigante Isaúl.

Em seu trôno de sedas, o rei ceguinho, que sorria numa expressão divina, ergueu os braços, espreguiçando magestosamente as pregas do seu manto, enquanto exclamava alegre e comovido:

— Meu Povo! Parti! Eu fico orando por vós! E quanta luz, pela graça de Deus, a fonte sagrada vier trazer a meus olhos, quantos benefícios eu sementearei em vossa volta!

Mas, de repente, do seu coxim de seda, o princezinho mais velho se ergueu.

— Meu Pai — exclamou. — Permiti que parta eu sozinho em busca da milagrosa fonte!

O rei ceguinho e trémulo, voltou-se vivamente



em direcção ao filho. Todos os olhares pousaram no seu rosto, onde brilhava uma expressão enérgica.

— Meu Pai, — repetiu. — Deixai-me partir! A minha boa-estrela me guiará.

O rei levou as mãos, trémulamente, aos olhos.

— Filho! Meu filho! — soluçou em seguida. — Tu deliras! Não, meu filho, não! — Tu não deixarás teu Pai na incerteza da tua sorte por essas terras distantes!

O povo, humilde e submisso, contemplava, em silêncio, a inesperada scena, embora no íntimo desejo de gritar ao príncipe que os deixasse partir, na missão gloriosa de dar vista ao seu rei.

Mas, de mãos erguidas, o príncipe implorava, chorando quasi, a mercê da partida!

E o rei, numa súbita fé religiosa, tacteando sobre a cabeça do filho, numa voz comovida, mixto de Dôr e Alegria, exclamou, finalmente, ante o entusiasmo louco do princezinho audaz:

— Pois bem, filho! Parte! Que a Virgem te guie e a graça de Deus vá contigo!

E, na seguinte manhã, mal o Sol despertou a



Terra no seu banho de luz, o princezinho partiu montado no seu cavalo heróico, entre o adeus do Pai e as lágrimas dos infantis!

Atemorizado, o príncipe ergueu os olhos lindos. Depois, numa voz de receio e pavor, perguntou timidamente.

— E's tu o gigante Isaúl?

— Sou, respondeu. Que me queres?

— Quero umas gotas da água sagrada da tua fonte que dá vista a cegos. Eu sou o príncipe Orlando, filho do poderoso Rei do paiz dos lilazes, que cegou há meio século.



Peço-te que me des, neste pequenino vaso de oiro, as gotas necessárias para que lhe leve a vista!

(Continua na página 6)

# ERA UMA VEZ...

## AS GATINHAS GÊMEAS

POR MARIA BRANCO  
DESENHOS DE A CASTANÉ



ANDORINHA voou tão baixo, tão baixo, que Dona Rinhanhau estremeceu.

— Que há de novo, Papinho-Azul? «Black-Ball» comeu ontem algum manjar delicioso? Perfumaram-na de essências raras?»

A avesinha, empoleirou-se no canavial do rio

e pipilou tristemente:

— «Ai de nós! Amiga Rinhanhau. A tua filha morre de fome e anda, escorraçada, de beco em beco».

Dona Rinhanhau arripiou-se toda; (isto em bichanos, significa muitíssimo).

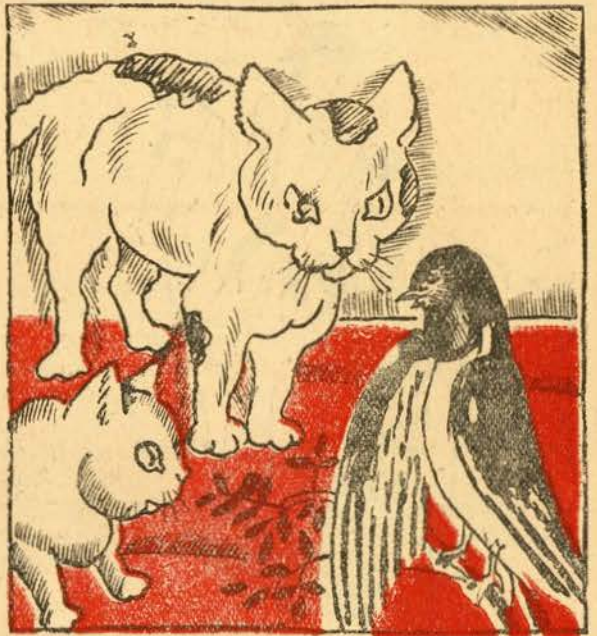


Os olhos chisparam-lhe de cólera, a boca, arreganhada, semelhava qualquer tigre-liliputiano.

— «Sou velha para chalaças, Papinho-Azul.»

— «Então ainda te zangas?» cantarolou a andorinha.

A gata pulou para os ramos da antiga figueira, ficando a dois palmos da avesita.



— «Quero saber tudo, verdade, verdadinha-miou enraivecida.

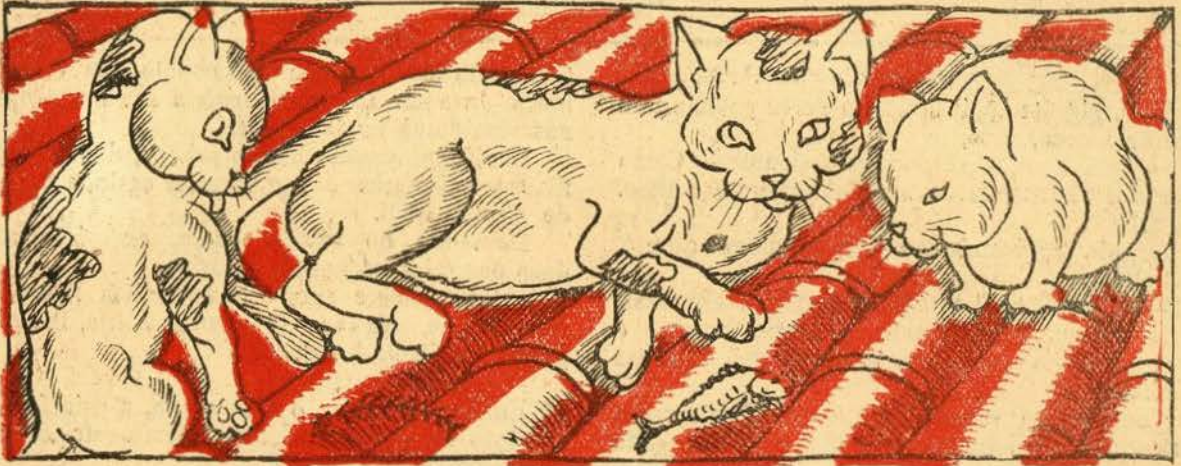
— Não acreditas que a tua gentil «Black-Ball» que viste sair da aldeia, entre mimos e luxos, possa, agora, correr, esfomeada e suja, as vielas da cidade?

«Black-Ball» era orgulhosa. Enquanto adulada pela menina Gaby, provocara pelo seus caprichos, que as criadas sofressem reprimendas... Hoje as coisas mudaram. A dona esqueceu a bela gatinha, para se afeiçoar a certo lulu da Pomerania. Tua filha expiou então. Os servos maltratavam-na. Altivamente, esperou. O afogado ninho não mais reaparecera. Fugiu de casa.

Envaidecias-te da tua «Black-Ball», amesquinhando a «Bolinha-Malhada». Desprezava-la, porque ela tinha por dona a pobre Florinda... que a ama com constância.

Para ti só a menina Gaby contava, sómente «Black-Ball», envolta em riquezas e exotismos, possuía encantos...

Afinal, vês a triste realidade?



Dona Rinhanhau não pensa mais em glórias e grandesas, limita-se a estiraçar, ao sol, com as suas gémezinhas e a ser uma feliz-mamã-gatarrona,

F I M

NOTA .«Black-Ball» é inglês. Quere dizer «Bola Preta».

\* \* \*  
 Guiada pela «Papinho-Azul», a desditosa gata, deparou, por fim, com a faminta «Black-Ball». Melancólicas e humilhadas, regressaram à aldeia. Florinda reconheceu a custo a linda bichana. E como não se lembrasse já do arrevesado nome que a menina Gaby escolhera, crismou-a de «Pre-tinha.»

## A Verdadeira Felicidade

(Continuação da 1.ª pagina)

num magnificente palácio, onde Nita, tal como uma santa de vitral, aparecia... As ondas sedosas do seu cabelo cõr dos trigaes, caíam em longas trnaças, acentuando o seu perfil delicado; porém o ouro, as joias, fizeram-lhe perder a alegria. Dia após dia os contornos do seu corpo perdiam-se nas pregas dos vestidos de brocado, os aneis caíam-lhe dos dedos... Só os olhos, da cõr do céu, brilhavam na cara lívida. José quizera ser rico por ela mas também reconhecia que a verdadeira felicidade eraa terra fecunda que dá o pão, a alegria, a saúde...

Nita, dizia-lhe numa voz carinhosa: — «Ouve um segredo: — pediste ouro para me tornar feliz, porém, nem tu nem eu o somos. Filhos da terra, só Ela nos poderá dar a Felicidade» — e, então, ouvindo-a, agora, mais do que nunca, Joséquizera ser pobre! Triste, encaminhou-se para os campos; escu-

tu, embevecido, as canções dos pássaros, a aragem que passava impregnada de perfumes do bosque. Tudo parecia rir, a terra mostrava o seu tesouro, flôres belas que o cinzel do Criador contornara, dignas de adornar noiva linda.

José pediu: — «Fada dos Desejos, afinal, quero ser pobre, a terra é mais rica que o ouro, o seu tesouro, inexgotável, ultrapassa as pedras, as joias mais raras!

A fada concedeu o favor que José implorou.

Voltara a ser pobre e, quando a charrua abria o sulco que receberia o trigo, olhando os olhos azuis da sua amada, murmurava: «A terra, mãe fecunda; é que dá a riqueza. Não dá só o pão bemdito que alimenta, dá as flôres que se hão-de coroar! Nós seremos felizes, semeando o trigo... Bendita seja a



Terra!

F I M

(Continuado da 3.<sup>a</sup> pagina)

E tu, gigante Isaúl terás em nosso palácio uma guarida eterna,

— Está bem, — respondeu o gigante — Como hoje já é bastante tarde, amanhã trataremos disso. Entra.

Depois, indicando-lhe um pequeno quarto, continuou:

— Dormirás aqui esta noite. Amanhã falaremos.

E fechou, bruscamente, a porta, ficando o nosso príncipe encerrado entre quatro estreitas paredes.

Como vinha cansado, deitou-se sobre a cama e adormeceu profundamente. Mal, porém, pegado no sono, desfolhou-se uma flôr de papel que ornamentava o tecto e cada pétala se transformou em pequeninas lâminas, que, caindo sobre o corpo adormecido de Orlando, lhe deram, súbitamente, a morte.

\* \*

Passaram meses e anos e, no palácio real do país dos lilazes, o rei, céguinho e trémulo, finava-se a olhos vistos, gritando, estendendo os braços, implorando que lhe trouxessem o seu filhinho querido!

Já em seu auxílio havia perdido o princezinho Eugenio, mas de ambos se ignorava o paradeiro, perdidos, pelas longínquas parágens das frias aldeias do Norte.

E agora junto do velho rei apenas o filhinho mais novo existia.

Tencionava o povo partir em busca dos princezinhos, quando, numa manhã nevoenta, sem avisar ninguém, pé ante pé, o jóven príncipe Enélio se ergueu do leito e tendo beijado furtivamente, a fronte do Pai adormecido, partiu a todo o galope, ébrio de glória e esperanças, em procura dos irmãos, desaparecidos.

Correu pelos campos que Orlando e Eugênio antes haviam atravessado saltou riachos, contornou muralhas, mas, de repente, parou, espantado e comovido, ante o cadáver dum homem, que, deitado sobre a terra, alimentava, com a carne do seu corpo, a voracidade dos abutres!

Já Orlando e Eugênio haviam deparado com o mesmo quadro aterrador, mas não ligando a mínima importância a tal facto, haviam passado adiante, sem, ao menos, um Padre Nosso lhe terem rezado por Alma)

Porém o coraçãozinho de Enélio, vibrou todo dum facho de comoção e beleza! Descendo do cavalo, tomou em seus braços o cadáver e partiu com ele a depositá-lo no seio amigo da terra, em funda cova, que abriu com o auxílio da reluzente espada.

Em seguida, joelhando junto ao coval humilde, rezou por sua intenção, uma Salve-Rainha, e mon-

tando, de novo, partiu velozmente em correria louca, levando na consciência a Paz e a Alegria nascidas duma bonita acção.

Anoitecia, quando Enelio avistou, dentre as ramadas múrmuras das árvores, a casinha branca do gigante Isaúl.

Descendo do cavalo, bateu, enérgicamente, duas paucadas na portita modesta.

Imediatamente surgiu a antipática figura do gigante que, em voz rouquenha e fria, lhe perguntou na forma habitual:

— Que me queres?

Enelio, cobrando o alento que, a princípio, a aparição do gigante quási completamente toldara, respondeu com firmeza:

— Desejo que me enchas este balde de oiro com a água sagrada da tua fonte que dá vista a cegos. Meu Pai, o Rei do País dos lilazes, abrir-te-há as portas do Reino e o palácio será teu. Dá-me a água, gigante Isaúl.

De face toldada, respondeu o gigante: — Sim. Mas como é noite, o melhor será esperarmos por amanhã. Entra.

Abriundo em seguida, a porta do quarto onde Orlando e Eugênio tão

desgraçada sorte haviam tido, exclamou novamente:

— Aqui dormirás. De manhã satisfarei o teu pedido.

E, cerrando a porta, num gesto rápido, deixou Enélio só.

O nosso príncipe olhou em volta, interrogando, em vigilante olhar, as quatro estreitas paredes onde ele pressentia mistérios a desvendar.

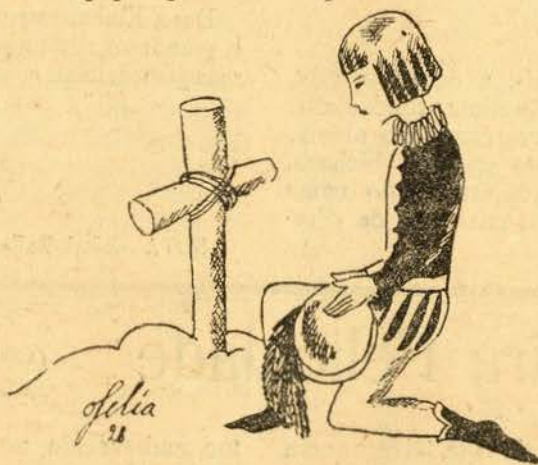
Como, porém, o cansaço o vencesse, estendeu-se sobre a cama, embora com o propósito firme de não adormecer.

Bailava-lhe o olhar por sobre as coisas, a princípio, numa expressão de interrogativo interesse, mas depois, brandamente, as palpebras se foram baixando, tremendo, cerrando... para novamente se elevarem, baterem, arfarem... até que, por fim, em calma e compassada respiração, desceram... desceram... desceram... até ficarem completamente cerradas!

Neste instante, porém, um estranho clarão iluminou o quarto e o nosso Enelio, súbitamente desperto, sentou-se rapidamente na cama, contemplando, com admiração e pasmo, o que a seus olhos, milagrosamente surgia: — uma linda rapozinha branca que, sentada no rebordo da cama, volvia para ele uns lindos olhos repassados de meiguice e simpatia.

— Príncipe Enélio, (murmurou ela em voz de sonho e mistério). Não te deixes dormir senão queres ter a sorte de teus desgraçados irmãos.

Ouve, Enélio: eu sou a Alma daquele corpo que encontraste no caminho e a quem tão piedo-



samente deste sepultura e o conforto das tuas preces. Teus irmãos por mim passaram e em fria despreocupação seguiram seu caminho. Por isso lhes neguei auxílio. A ti, que tão nobremente te portaste, eu hei-de proteger e amparar, livrando-te do mal que de tão perto te espreita.

Olha Enélio; toma este livro e lê. Enquanto nele pousarem os teus olhos, o sono te não vencerá. Agora, adeus. Quando precisares de auxílio chama pela rapozinha branca.

E em novo clarão de estranha luz, sumiu-se a rapozinha.

Enélio tão assombrado ficou que nem a boca abriu! Esfregou os olhos julgando que sonhava olhando em redor com precaução e temor.

Porém, instantes depois, já completamente refeito do susto e considerando que em terra onde havia uma fonte que dava vista a cegos naturalíssimo seria as rapozinhas falarem, tomou prudentemente o livro e começou lendo, lendo, lendo, até que o Sol correu as cortinas do Céu e debruçou o rosto sobre a terra.

\* \* \*

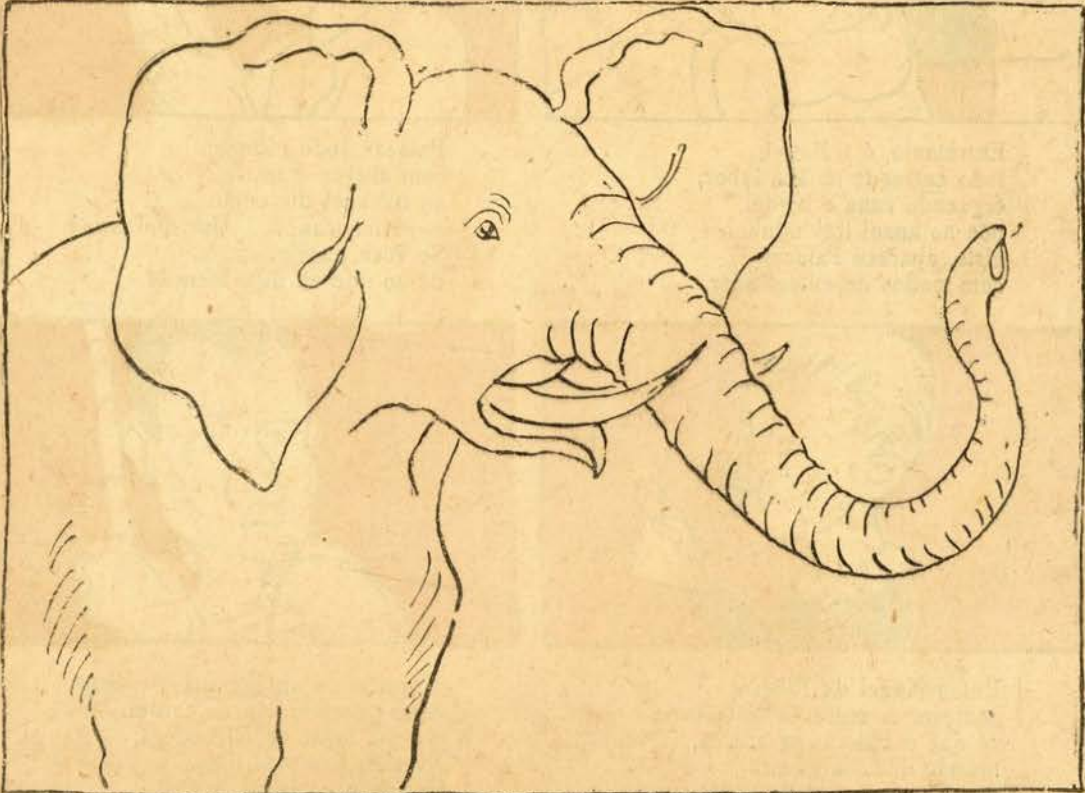
«O' diacho!» exclamou entre dentes o gigante Isaú, quando ao abrir a porta do quarto de Enélio e supondo vê-lo morto pela misteriosa flôr que ornamentava o tecto, o foi encontrar bem disposto e alegre, a caminho da porta, levando o vaso de ouro, para depósito da preciosa água.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NUMERO)



Este menino tão feio está chorando porque não lhe dão fruta. Vejam se descobrem a fruta que êle quer e onde se encontra.

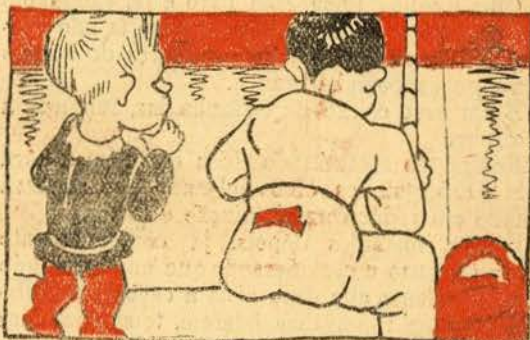
## PARA OS MENINOS COLORIREM



# PALOCAS E O PESCADOR



O ti'Manel da Ribeira  
pesca em seus momentos d'ócio;  
contudo, por mais que queira,  
não consegue pescar nada.  
— «Se eu pescasse uma pescada  
é que era um grande negócio?»



Persistente, vai buscar  
nova isca, novo engodo  
que traz dentro do cabaz;  
— «talvez que assim, deste modo,  
eu consiga inda pescar  
pelo menos um goraz!»



Entretanto, o ti'Manel,  
todo entregue ao seu labor,  
erguendo cana e cordel,  
põe no anzol três minhocas;  
nisto, aparece Palocas  
com modos de entendedor.



Palocas, todo pimpão,  
com altivez e ironia,  
ao ti'Manel diz então:  
— «Minhocas?... Que porcaria!  
Se você quer pescaria,  
dê ao que eu digo atenção.»



Então Manel da Ribeira,  
com um ar muito espantado,  
vê que o Palocas se arreda,  
tirando duma algibeira,  
envolto em papel de seda,  
um luzente rebuçado.



E que a seguir lhe diz: — «pega,  
toma; prende isto ao cordel.  
Se, em lugar de tal bodega,  
tivesse tido esta idéia,  
já tinhas a cêsta cheia,  
já tinhas peixe a granel!»